

A Esperança na teologia da missão: Uma reflexão no contexto do ano jubilar

La Esperanza en la teología de la misión: Una reflexión en el contexto del año

Hope in the theology of mission: A reflection in the context of the jubilee year

Rafael López Villaseñor¹

Resumo

Este ensaio tem como objetivo analisar o conceito de missão, em como se articula a esperança com as suas mediações históricas, tema de suma importância em um mundo em que esperança e desesperança coexistem. Mas de que maneira entender a missão como fonte de amor e esperança? Como ser discípulos missionários de esperança perante o sofrimento e a desesperança? A esperança pode ser a força transformadora para a missão? Essas e outras questões demarcam este ensaio, o qual parte do princípio de que a missão vem da **Missio Dei**. Não é a missão que procede da Igreja, mas é a Igreja que procede da missão de Deus. Logo o discípulo missionário, em uma sociedade marcada pela desesperança, precisa ser portador de esperança, motor, alma e força da missão. Ela está marcada no mais profundo da pessoa como força transformadora da realidade presente, em vista do Reino escatológico.

Palavras Chaves: Deus; esperança; igreja; missão; reino.

Resumen

Este ensayo tiene como objetivo analizar el concepto de misión, articulando la esperanza con sus mediaciones históricas. El tema es de suma importancia en un mundo donde coexisten la esperanza y la desesperanza. Sin embargo, ¿cómo se puede entender la misión como fuente de amor y esperanza? ¿Cómo podemos ser discípulos misioneros de esperanza frente al sufrimiento y la desesperanza? ¿La esperanza puede ser fuerza transformadora para la misión? Estas y otras preguntas acompañan la investigación. El texto parte del principio de la misión de la **Missio Dei**. No es la misión que procede de la Iglesia, sino que es la Iglesia la que procede de la misión de Dios. Por lo tanto, el discípulo misionero en una sociedad marcada por la desesperanza debe ser el portador de esperanza, motor, alma y fuerza de la misión. Marca profunda de la persona como fuerza transformadora de la realidad presente en vista del Reino escatológico.

Palabras claves: Dios; esperanza; iglesia; misión; reino.

¹ Doutor em Ciências Sociais, mestre em Ciências da Religião. Editor-chefe da Revista Missão e Culturas; Secretário da União Missionária das Pontifícias Obras Missionárias. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-2632-1842> Email: rafamx65@gmail.com

Abstract

This essay aims to analyze the concept of mission by articulating hope with its historical mediations. This theme is of paramount importance in a world where hope and despair coexist. But how can mission be understood as a source of love and hope? How can we be missionary disciples of hope in the face of suffering and despair? Can hope be the transforming force of mission? These and other questions guide this research. This text assumes that mission originates from the **Missio Dei**. It is not the Church that generates the mission, but rather the Church that emerges from God's mission. Therefore, the missionary disciple, in a society marked by despair, must be a bearer of hope the driving force, the soul, and the strength of the mission. Hope is deeply imprinted in the person as a transformative force of present reality in view of the eschatological Kingdom.

Keywords: church; God; hope; kingdom; mission.

1. Introdução

O Papa Francisco proclamou o ano 2025 como o ano santo da Esperança, com a Bula *Spes non confundit* - "**A Esperança não decepciona**" (Francisco, 2024). O ano jubilar da redenção é um tempo de reflexão, de aproximação da misericórdia e reconciliação com Deus como "**Peregrinos de Esperança**", conforme práticas da tradição católica próprias para o ano jubilar. A esperança é o próprio Senhor, isto é, Cristo é a Esperança que não decepciona, que convida a infundir coragem à comunidade cristã, em um mundo, muitas vezes, sem horizontes e, conforme Bento XVI (2007), na encíclica *Spe Salvi* (SpS), com uma "visão programática que determinou o caminho dos tempos modernos e influencia, inclusive, a atual crise da fé que sobretudo é, concretamente, uma crise da esperança cristã" (SpS, 17). Por esse levantamento inicial, surgem algumas perguntas que iluminam esta pesquisa: Como entender a missão fonte de esperança? Como ser discípulos missionários portadores da mensagem de esperança ante os desafios de sofrimento e desesperança? Ainda é possível que a esperança seja o motor e a força transformadora da humanidade? Essas são algumas inquietações que acompanham este ensaio, no intento de contribuir para o diálogo e a articulação no campo da teologia da missão, com uma perspectiva de esperança.

Entre alguns teólogos que refletem acerca da esperança, destaca-se **Jürgen Moltmann**, em sua obra "*Teologia da Esperança*" (1978), pela qual desenvolveu o conceito unido à compreensão do cumprimento das promessas de Deus na história. A esperança por um mundo melhor, anunciado por Deus, compromete o agir, visando a transformação da realidade histórica pela força de Cristo Ressuscitado: Aquele que envia em missão para a realização do Reino de Deus, fundamento da expectativa escatológica. Seguimos para o teólogo Juan **José Tamayo**, em seus escritos produzidos em 2001, em que vê a esperança como resposta do ser humano a situações difíceis da vida e ao estado de cativeiro ou de alienação que o circunda. Para referido teólogo, a esperança ocasiona vencer a injustiça que caracteriza o mundo, em que a desesperança precisa ser superada. Também temos **Jon Sobrino**, no livro "*Jesús en América Latina: Su significado para la fe y la cristología*" (1982), quando elabora uma cristologia do povo crucificado e reflete

que, como Cristo crucificado ressuscitou sendo fonte de esperança da humanidade, da mesma maneira, o povo crucificado também ressuscitará. A ressurreição de Jesus é a esperança da ressurreição e futuro para os crucificados, porque não se esgota no presente. Na missiologia temos **David Bosch** com sua obra clássica *“Missão Transformadora”* (2002), ao desenvolver o paradigma teológico da missão a partir do conceito da *Missio Dei*, conceito que reflete a missão iniciativa de Deus e não apenas uma atividade da igreja. Bosch pontua que a missão deriva da natureza de Deus e é colocada no contexto da Trindade, fonte e origem da missão.

Mencionadas tais referências, seguimos para a finalidade deste ensaio, a de analisar o conceito da missão como fonte de esperança e amor a partir da missiologia, articulando o aspecto escatológico com as mediações históricas. A abordagem temática se justifica porque a esperança é o motor da história e da humanidade, em um mundo que vive de esperança, mas que, com ela coexiste também a desesperança. Ela é a virtude que move a utopia da história, contudo não é uma virtude ingênua, mas inserida na realidade com um sentido crítico e ético. O tema é amplo, de maneira que este artigo não esgota o assunto, ainda mais por analisar a esperança para além da perspectiva missionária. Desse modo, desenvolvemos, na primeira parte deste ensaio, a teologia da missão como participação da missão de Deus, ação de toda a Trindade na obra de redenção do mundo. Consideramos não ser a missão que procede da Igreja, mas é a Igreja que procede da missão de Deus, que é escatológica e aponta para o futuro pleno do Reino. Na sequência, um segundo ponto aborda a reflexão dos discípulos missionários a serviço da vida e da esperança, perante o compromisso de apoiar e denunciar todas as atitudes contrárias à vida plena dos empobrecidos. A partir de então, refletimos a esperança como o motor que sustenta a missão frente aos desafios do mundo contemporâneo, como virtude ativa, dinâmica e central para a vida cristã, enraizada na fé em Jesus Cristo, manifestada na caridade.

2. A teologia da missão fonte de Esperança

A missão é fonte de amor e esperança oriunda de Deus, um amor que não se contém, que transborda, que se comunica, que sai de si desde a criação do mundo, como ato de amor na decorrência do pecado da humanidade ao longo da história da salvação, e reintegra as pessoas na vida plena do Reino. Porque a teologia da missão fundamenta-se no princípio da *Missio Dei*, isto é, Deus é missão, pois a missão vem e tem sua origem em Deus, fonte de amor e esperança (Bosch, 2002). Esse amor “é como uma fonte inesgotável que sempre flui como água viva, que jorra na terra pelo Espírito Santo e que, verdadeiramente, faz parte da criação por meio da Palavra que se tornou carne” (Bevans; Schoroeder, 2016, p. 27). A ideia de que Deus é missão fundamenta-se na própria compreensão da natureza missionária de Deus. Esse princípio teológico faz entender que a missão não é apenas uma atividade eclesial, mas uma característica intrínseca de Deus. Portanto, toda a ação missionária da Igreja é participação na missão de Deus, de tal modo que Deus está em missão em todas as esferas da vida e a “missão é o sim de Deus para o mundo” (Bosch, 2002, p. 28). A missão é escatológica porque aponta para o futuro pleno do Reino, enquanto trabalha no presente para transformar o mundo (Bosch, 2001) e, igualmente, a esperança é escatológica, porque se articula com as



mediações históricas que assinalam para o Reino de Deus. “O sentido missiológico por excelência é o sentido da gratuidade do agir amoroso de Deus em favor do que havia se perdido. O logos da esperança é a promessa” (Moltmann, 2005, p. 56).

Portanto, se a Missão é de Deus, então é a iniciativa de Deus na história humana. Deus em sua essência é missionário e a missão é uma extensão de Seu caráter e propósito. De tal maneira que a missão é participação da missão de Deus, que é ação de toda a Trindade na obra de redenção do mundo, como traz o Concílio Vaticano II (2015) pelo decreto *Ad Gentes* (AG) 2. Ou seja, o Pai envia o Filho (AG 3), o Filho envia o Espírito Santo para continuar a missão na Igreja (AG 4). A missão é a própria natureza da Igreja, porque faz parte do próprio ser de Deus. Deus é missionário e a Igreja é essencialmente missionária (Bosch, 2002). A Missão de Deus se manifesta de maneira plena na encarnação de Jesus Cristo (AG 3), o Filho como expressão visível do caráter missionário de Deus, vindo ao mundo para revelar o amor de Deus Pai, anunciar o Reino de Deus e, por meio de sua vida, morte e ressurreição, reconciliar toda a humanidade com Deus. Após a morte, ressurreição e ascensão de Jesus, o Espírito Santo é enviado para dar continuidade à missão de Deus (Bíblia, Mc 16, 15). A presença do Espírito na vida da Igreja capacita a comunidade cristã a participar da missão de Deus (Bíblia, At 2, 1-6), sendo o Espírito Santo o protagonista da missão, conforme cita a encíclica *Redemptoris Missio* (RMI), 21; 30.

A Igreja, propriamente, não possui uma missão, mas participa da missão de Deus realizada no mundo. Então, “não se pode subordinar a missão à Igreja; nem a Igreja à missão, ambas estão inseridas na *Missio Dei*” (Bosch, 2002, p. 444). Em outras palavras, a *Missio Dei* institui a *missiones ecclesiae*, o que implica que a missão não começa nem termina com a Igreja, por ser parte de um movimento maior iniciado por Deus da Esperança. Não é algo que a Igreja realiza em certos momentos ou locais específicos: é uma expressão constante. Por isso, necessita estar sempre em missão, a dar respostas aos desafios e necessidades de cada época e cultura, visando o Reino de Deus que é maior do que a igreja, a qual tensiona entre santidade e pecado, enquanto o Reino é a expressão totalmente santa e justa da soberania amorosa de Deus. A vida missionária da igreja é a resposta fiel do povo de Deus ao amor missionário de Deus testemunhado na criação, na redenção e na consumação dos tempos (Bosch, 2002).

O decreto *Ad Gentes* (AG) afirma: “a Igreja peregrina é por sua natureza missionária, visto que tem sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na missão do Filho e do Espírito Santo” (AG 2). Então, a missão não é uma atividade opcional ou secundária da Igreja, mas atividade essencial à sua própria existência. O teólogo David Bosch (2002) rejeita a visão de ser a missão centrada na Igreja como expansão institucional. A missão é resposta ao chamado de Deus para participar da obra de reconciliação e salvação. A partir do Vaticano II, a missão deixa de ser apenas o que a igreja faz e passa a ser o que a igreja é. “Missão não está relacionada a atividades específicas, que muitas vezes a igreja se vê obrigada a fazer para cumprir seus cronogramas eclesiais, mas sim à definição e completude de sua identidade” (Goheen, 2019, p. 62). A missão de Deus passa pela Igreja, que é ser sinal e realização do Reino de Deus no mundo. Para Jürgen Moltmann, a missão universal se entende como *Missio Dei*, a abranger a Igreja, que participa da missão do Reino de Deus:

Entender teologicamente a Igreja missionária em um horizonte universal é o mesmo que entendê-la no horizonte da Missio Dei. A missão abarca a totalidade da Igreja e não apenas algumas de suas partes ou alguns de seus membros enviados por ela. Toda a comunidade e cada um de seus membros participam com todas as suas energias da missão do Reino de Deus (Moltmann, 1978, p. 26).

Nesse sentido, “a missão de esperança é uma ação que se processa na vida da Igreja enquanto comunidade de fé” (Cunha, 2016, p. 30). E a natureza missionária da Igreja é uma afirmação clara de que não é mais a Igreja a enviar missionários, mas ela própria é enviada como “missionária” portadora de vida e esperança. Seu envio não é consequência, mas essência. Ela “é” Igreja ao ser enviada e, então, edifica-se pela missão. Com isso, podemos enfatizar não ser a missão que procede da Igreja, mas a Igreja é que procede da missão de Deus. A eclesiologia, portanto, não precede a missiologia. De tal modo, a atividade missionária não é mera ação da Igreja, mas é a Igreja em ação, sendo a missão de Cristo que cria a comunidade eclesial, e não ao contrário (Almeida; Brighenti, 2020). Assim, a esperança cristã é comunitária, sendo ato constitutivo da pessoa e, igualmente, da comunidade eclesial a que pertence. A comunidade cristã desde os primeiros séculos assume a missão transformadora e universal, como portadora de vida e esperança para os pobres e excluídos (Bíblia, At 3, 6-7).

A pregação do evangelho do Reino de Deus, que se aproxima, é o primeiro fator e o mais importante da missão de Jesus, da missão do Espírito e da missão da Igreja, mas não é o único. A missão abarca todas as atividades que contribuem para libertar o homem de sua escravidão na presença de Deus que se aproxima, desde a miséria econômica até a sua situação de pecado (Moltmann, 1978, p. 26).

A missão portadora de amor e esperança transcende a simples narrativa acerca da ação de Jesus histórico. Não se trata exclusivamente de contar a história do Deus Humano, suas aflições e adversidades, sua morte trágica e inocente, da sua ressurreição. Não se trata apenas em dizer afirmações acerca do Reino de Deus e de sua justiça (Cunha, 2016 p. 30), mas eleva-se à portadora da mensagem de amor e esperança para a humanidade, porque os discípulos missionários de Cristo, segundo a mensagem para o Dia Mundial das Missões de 2025, “são os primeiros convocados a formar-se para serem ‘artesãos’ de esperança e restauradores de uma humanidade, frequentemente, distraída e infeliz” (Francisco, 2025).

3. Discípulos missionários de esperança

Os discípulos missionários são portadores da mensagem de esperança, a serviço dos mais pobres e sofredores, no contexto que tem como pano de fundo o ouvir, o ver, o sentir, o palpitar da realidade, que exige proximidade contextual do povo (Suess, 2008). De acordo com o Documento de Aparecida (DAP), a opção preferencial pelos pobres impulsiona, como discípulos missionários, a procurar caminhos novos e criativos da missão “a fim de responder a outros efeitos da pobreza” (DAP 409). Na opção preferencial pelos pobres no

“compromisso com a realidade” (DAp 491) e em um mundo globalizado, a missão é compromisso com os empobrecidos, atenta à realidade do sistema que conspira contra os pobres, destinatários do querigma missionário (Suess, 2008). A esperança passa a ser a força da missão, capaz de projetar o futuro e transformar a realidade dos pobres, dando sentido à sociedade em que se encontram inseridos, pois “não se propõe um novo mundo, separado deste, mas um novo para este mundo, onde o presente é alimentado pelo futuro prometido” (Kuzma, 2014, p. 22).

De acordo com Paulo Suess (2008, p. 820), o Concílio Vaticano II assume a ação missionária como a opção preferencial pelos pobres. Para assumir essa opção, é preciso “atravessar todas as nossas estruturas e prioridades pastorais” (DAp 396). Enfatizamos que a natureza missionária da Igreja tem a sua origem na missão de Deus, que é a missão do Verbo encarnado, o qual “se despojou a si mesmo e assumiu a condição de servo” (Bíblia, Flp 2, 7), e do Espírito Santo enviado aos pobres: “tudo o que tenha relação com Cristo tem relação com os pobres e tudo o que está relacionado com os pobres clama por Jesus Cristo” (DAp 393). Acerca da dimensão Pastoral e Missionária, o Documento de Aparecida a traz como “autêntico caminho cristão” que “preenche de alegria e esperança o coração e leva o cristão a anunciar a Cristo de maneira constante em sua vida e em seu ambiente. Projeta para a missão de formar discípulos missionários para serviço do mundo” (DAp 280d). Conecta-se à afirmação da Evangelii Gaudium (EG) de que “a Igreja em saída é a comunidade de discípulos missionários” (EG 24).

A encíclica Spe Savi (SpS), do Papa Bento XVI (2007), ressalta ser a esperança a mensagem central da Bíblia (SpS 2), parte integrante do paradigma da missão. Ela faz parte da realidade cotidiana dos pobres. A missão assume, com os empobrecidos, a pobreza semântica, a de saber a respeito da forma concreta do futuro esperado. “É como Deus, o qual sabemos ser o futuro absoluto da humanidade, sem saber o que será esse absoluto. Contudo, essas reservas escatológicas não nos imobilizam” (Suess, 2008, p. 822). A existência de Deus garante justiça aos pobres. O anúncio de Deus, criador de todo o Universo e da humanidade, a um mundo que não acredita em Deus. Porque apesar de tantos esforços, continuam os injustiçados (SpS 44). De acordo com César Kuzma (2009, p. 457), “a esperança cristã chama para si os empobrecidos, necessitados e abandonados, porque sabe que para esses existe a Parusia e a realidade do Reino de Deus” e que, “pela esperança, o amor mede as possibilidades que lhe foram abertas na história. Pelo amor, a esperança tudo encaminha para as promessas de Deus” (Moltmann, 2005, p. 48-49).

Os discípulos missionários estão a serviço da vida e esperança, acompanham os pobres, “os povos indígenas e originários no fortalecimento das suas identidades e organizações próprias, na defesa do território e em uma educação intercultural bilíngue e na defesa de seus direitos” (DAp 530). Porque à medida que se leva esperança e consolação, recebe-se a mesma consolação e esperança em Deus. A Igreja missionária de esperança tem o compromisso de apoiar e denunciar todas as atitudes contrárias à vida plena dos empobrecidos. Pode-se notar que não há coisa mais contextualizada e universal que o sofrimento dos pobres (Suess, 2008). É universal porque, segundo a Constituição Pastoral Gaudium et Spes (GS), “tanto mais promove e exprime a unidade do gênero humano quanto melhor respeita as particularidades das diversas culturas” (GS 54).

A Teologia atual tem novas dimensões de esperança cristã, com o caráter histórico, crítico, subversivo, dinâmico, militante, produtivo, público, sociopolítico. A esperança cristã mantém uma relação dialética com a realidade concreta histórica, inclusive, assume o compromisso com a história e a responsabilidade pela transformação do mundo na perspectiva da utopia do Reino de Deus. Os cristãos são chamados a colaborar na construção de um mundo novo, a “credenciar a ortodoxia através da ortopraxia, a tornar realidade na prática o que é antecipado nas promessas” (Tamayo, 2001a p. 75). “Não se trata mais de uma espera passiva, mas de uma espera ativa, que decide ir atrás daquilo que outrora fora prometido” (Kuzma, 2009, p. 455). A missão dos discípulos missionários que desejam anunciar Boa Notícia aos pobres, propõe-se a “despertar esperança em meio às situações mais difíceis, porque, se não há esperança para os pobres, não haverá para ninguém” (DAP 395). Por esse viés, constata-se que a humanidade não pode viver sem esperança, sob o risco de estar “condenada à insignificância, tornar-se-ia insuportável [...] Cristo ressuscitado e glorioso é a fonte profunda da nossa esperança, e não nos faltará a sua ajuda para cumprir a missão que nos confia” (EG 275).

Na América Latina, a Teologia da Libertação é também teologia de esperança escatológica que se articula com as mediações históricas, pois assume utopias históricas do Reino. Segundo Libânio (1989, p. 185), “a utopia corrige o perigo de alienação da esperança Cristã”. O encontro entre utopia e esperança cristã enriquecem na base teológica da opção preferencial pelos pobres. A utopia é o alimento de esperança, os anseios mais profundos do ser humano, impulsiona para além daquilo que é possível na atual correlação de forças sociais, mudanças e transformações da realidade, perante a qual:

[...] é preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperar é ir atrás, esperar é construir, esperar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperar é juntar-se com outros para fazer de outro modo (Freire, 1997, p. 45).

O verbo esperar é a possibilidade de um futuro melhor, não é passividade, mas é trabalhar ativamente para alcançá-lo, promovendo a justiça social, a igualdade e a emancipação. Porque a esperança não é passiva, mas é força ativa que resiste às injustiças. Ela motiva a luta por transformação social, justiça e paz. Não há mudança sem sonho, como também não existe sonho sem esperança (Freire, 1997).

4. A Esperança alimenta a caminhada missionária

A esperança é o motor, alma e força que sustenta e alenta a missão diante dos desafios do mundo contemporâneo, como virtude ativa, dinâmica e central para a vida cristã. Ela está enraizada na fé em Jesus Cristo, sustenta a caminhada missionária e se expressa na caridade ao próximo, com a justiça e com o cuidado pela criação. Por isso, o Papa Francisco (2013) pede que: “não deixemos que nos roubem a esperança!” (EG 87) e acrescenta: “os desafios existem para serem superados. Sejam realistas, mas sem perder a alegria, a audácia e



a dedicação cheia de esperança. Não deixemos que nos roubem a força missionária!" (EG 109). Por esses termos, o Papa Francisco deseja: "Que o Jubileu seja, para todos, ocasião de reanimar a esperança" (Francisco, 2024). A humanidade é o resultado de esperança ao longo da história em que se tem Deus como "a essência da esperança de que, pela fé e amor a ele, o ser humano busca encontrar-se nele" (Souza, 2023, p. 262). Ela está inscrita nas áreas mais profundas do ser humano, pensado como um "ser-em-esperança" (Tamayo, 2001b). Surge do sofrimento, da opressão, aí nasce a luz de justiça e libertação: "da capacidade de desejar um mundo diferente, gera sempre esperanças e utopias. A impossibilidade de realizá-las plenamente deixa no liminar de esperança ao desespero" (Libânio, 1980, p.169). "O inconformismo é um elemento constitutivo de esperança, que não se submete servilmente à realidade, mas entra em conflito com ela e se esforça para transformá-la na perspectiva da justiça e da fraternidade-sororidade" (Tamayo, 2001a, p. 68).

Ao olharmos para a América Latina, vemos um continente caracterizado pela pobreza, mas ao mesmo tempo, cheio de entusiasmo e esperança, apesar de tanta dor e sofrimento diante de questões relativas ao campo econômico, social, político e religioso, seja no campo ou na cidade. É um continente marcado pela esperança como a força histórica e escatológica do Reino. Apesar de ser um continente marcado pela violência, desemprego, analfabetismo, mortalidade infantil, pobreza, exclusão, ainda assim, o povo afirma que a "esperança é a última que morre", na crença de que o Cristo Ressuscitado venceu a morte, sendo a fonte de Esperança ante a exclusão social dos menos favorecidos, porque "a esperança é a melhor resposta do ser humano à situação de cativo existencial em que se encontra" (Tamayo, 2001a, p. 69). Ainda de acordo com Tamayo, a esperança e desesperança são co-esperança e co-desespero. É uma virtude que se move no horizonte ético, mas não é uma virtude de olhos fechados, com os pés parados e as mãos atadas, como tradicionalmente foi apresentado. Como virtude, traz os olhos bem abertos para analisar a realidade com lucidez, ou seja, com sentido crítico. Olhos voltados para o futuro, com os pés em movimento. A esperança nasce sociologicamente a partir das vítimas, porque a realidade social tem que se transformar para que a miséria e a crueldade não sejam o último estágio do desenvolvimento humano, e que a morte não triunfe sobre a vida dos pobres. Ela nasce e se fortalece quando as vítimas se organizam e aprendem criticamente a se organizar e agir (Suess, 2008). Para Paulo Freire "Seria horrível se apenas sentíssemos a opressão, mas não pudéssemos imaginar um mundo diferente, sonhar com um projeto e nos entregar à luta por sua construção" (Freire, 1994, p.168).

A esperança fortaleceu o povo de Israel na fuga do Egito, que se pôs a caminho para a libertação, vencendo as muitas dificuldades encontradas no deserto rumo à terra prometida. É a esperança em ação que leva diretamente à transformação do mundo. É a virtude do otimismo, não daquele otimismo ingênuo, mas o otimismo militante, ciente das dificuldades ao longo da caminhada e igualmente confiante em superá-las. Sabe que a ação pode falhar ou nunca atingir seu objetivo total, contudo se assumem as falhas e desafios como um momento necessário no itinerário histórico do ser humano, sem desanimar na caminhada. Acredita-se, ao contrário, que podem ser superadas todas as dificuldades, mesmo que os seres humanos possam ser afetados negativamente pelas múltiplas adversidades da vida (Tamayo, 2001b). No mesmo sentido, o Documento de Medellín (1968) afirma que "apesar de estarmos rodeados de imperfeições, somos homens de esperança". E voltando a Tamayo (2001a, p. 62) temos: "A esperança é a melhor resposta do ser humano à situação

de cativo existencial em que se encontra”. Complementamos tal fala com a afirmação de Sobrino, quando esse diz: “Deus ressuscitou um crucificado, e a partir desse fato, há esperança para os crucificados da história” (Sobrino, 1982, p. 240). Com isso, vemos uma relação entre ressurreição, corporeidade e esperança, e que estão totalmente unidas. Com efeito, “a esperança nasce do amor e funda-se no amor que brota do Coração de Jesus trespassado na cruz” (Francisco, 2024). Constrói-se pela solidariedade e no contato com as vítimas e não se trata apenas de uma ajuda pontual, mas compõe um processo, um testemunho sócio-histórico que envolve o mais íntimo de quem a exerce (Pimentel Chacón, 2007).

A Esperança, segundo Ignacio Ellacuria (1994, p. 49), está unida à utopia e ao profetismo: “não podem existir por separado, porque perdem sua efetividade histórica e podem virar escapismo idealista, o que pode trazer consolo subjetivo, no lugar de constituir-se como forças renovadoras e libertadoras”. Existe o perigo real em separar profetismo e utopias, desencarnando ambos, quer por reducionismo subjetivista, quer por reducionismo transcendentalista, vendo-os em chave atemporal de eternidade, isso embora a eternidade esteja ligada à temporalidade, uma vez que o verbo se fez história. E para desfrutar da harmonia entre profetismo e esperança é necessário situar-se no lugar social, político, econômico e religioso da história. Por isso, afirmamos que a esperança de formar uma sociedade igualitária e solidária é a força dos empobrecidos para serem sujeitos do próprio destino, tendo maiores possibilidades de liberdade, de criatividade, de participação, ou seja, ter mais vida, em busca do bem comum. Assim, deve realizar todas as promessas do Deus da Vida, para isso, é necessário atingir as promessas escatológicas do Reino de Deus. A esperança não é só utopia, porque essa desaparece, mas forma parte das promessas do Reino, porque ela nunca passará (Bíblia, Rm 8,24; 1Cor. 13,8).

Segundo o papa Francisco: “os missionários de esperança são homens e mulheres de oração, porque a pessoa que tem esperança é uma pessoa que reza” (Francisco, 2025), em vista de a esperança ser a força na transformação histórica da caminhada dos empobrecidos, que vivem no limite entre vida e morte. Também a humanidade sempre esteve preocupada com a proximidade do próprio fim escatológico da vida, inclusive o fim apocalíptico do mundo, presente na história e no imaginário popular, em busca pela vida plena. Tal preocupação está dentro do mundo que se vive, e prossegue até mesmo no mundo que se espera após a vida terrena. A esperança é alimentada pela profecia com “uma conotação apocalíptica escatológica” (Souza, 2023, p. 264). Entretanto,

[...] a escatologia é idêntica à doutrina da esperança cristã, que abrange tanto aquilo que se espera como o ato de esperar, suscitado por esse objeto. O cristianismo é total e visceralmente escatologia, e não só como apêndice; ele é perspectiva, e tendência para frente, e, por isso mesmo, renovação e transformação do presente (Moltman, 2005, p. 30).

A fé cristã é a transformação que o presente tem, como base, as promessas escatológicas de Deus, de modo que o futuro advém das mudanças do presente e acontece no processo histórico da humanidade. Segundo Jürgen Moltmann (2005, p. 35), “a fé une o ser humano a Cristo, a esperança abre essa fé para o vasto futuro de Cristo. Por isso, a esperança é a companheira inseparável da fé”. E essas estão sempre unidas e se complementam, porque “a fé possibilita a esperança de pensar o que Deus possa já ter criado, mas que ainda nos aguarda em um

futuro que só iremos alcançá-lo quando no fundo de nossas ações realizarmos” (Souza, 2023, p. 267). Face a isso, o Catecismo da Igreja Católica (CIC) publicado por João Paulo II (1993) afirma: “a esperança é a virtude teologal pela qual desejamos como nossa felicidade o reino dos céus e a vida eterna, pondo nossa confiança nas promessas de Cristo...” (João Paulo II, 1993, p. 489). Concordante à bula papal do jubileu 2025: “Olhar para o futuro com esperança equivale a ter também uma visão da vida carregada de entusiasmo para transmitir” (Francisco, 2024).

Para Angeles Navarro Giron (1997, p. 420), a esperança do tempo presente na escatologia é inseparável. Se a esperança presente terminasse com a morte, seria condenada ao fracasso, mas se a esperança futura não se alimentasse do presente, seria alienante. Nesse intento, a Igreja ensina que “a esperança escatológica não diminui a importância das tarefas temporais, mas, pelo contrário, proporciona novas motivações, para seu exercício” (GS 21), isto é, a pessoa humana é uma unidade, considerando que a esperança “espiritual” e “material” são inseparáveis. Embora a esperança “teologal” venha a ser presente e possa ser material, isso não significa que coincida com nossas expectativas de coisas, porém “inclui a esperança de um mundo onde a justiça e o amor reinem para toda a humanidade” (Navarro Girón, 1997, p. 422). Em complemento, temos: “A esperança provoca assim uma verdadeira revolução tanto na teologia como na vida dos cristãos, sob a forma de libertação da história” (Tamayo, 2001a, p. 74). No seguimento a Jesus, contemplam:

as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração (Concílio Vaticano II, 2015, GS nº 1).

Contudo, para Juan José Tamayo (2001a, p. 61) “a esperança histórica e teologal têm caminhado separadas há muito tempo, como duas incógnitas”, às vezes, caminham em paralelo, sem se reconhecer nem se olhar. Em oposição e confronto, negam-se acusam-se mutuamente de interferência mútua e culpam-se mutuamente pelas nuvens de tempestade que pairam sobre a humanidade. A esperança, como força da missão, projeta-se ao futuro prometido, transforma tudo o que existe em sua volta. Sua força produz um sentido e esse sentido traz consequências à sociedade onde se está inserido. “Não se propõe um novo mundo, separado deste, mas um novo para este mundo, onde o presente é alimentado pelo futuro prometido” (Moltmann, 2005, p. 32). A esperança cristã “toma seu ponto de partida em uma determinada realidade histórica e prediz o futuro da mesma, suas possibilidades futuras e sua eficácia futura” (Moltmann, 2005, p. 31).

A esperança cristã é uma esperança de ressurreição e demonstra a sua verdade em contradição entre o presente e o futuro por ela visualizado, futuro de justiça contra o pecado, de vida contra a morte, de glória contra o sofrimento, de paz contra a divisão (Moltmann, 2005, p. 25).

A esperança transforma a realidade do mundo para a existência futura do Reino, a partir do tempo presente. Se ela existe, é porque há confiança, que está unida com a confiança e confiar significa ter fé no Deus da Vida. Esperar é ter confiança, acreditar em Deus, afirmar a fé como força que move a pessoa humana tendo como finalidade um futuro melhor (Souza,

2023). Em Deus “a promessa cria para o ser humano um espaço único de liberdade para obediência ou desobediência, para esperança ou conformismo. A promessa preside a esse espaço de tempo, o qual evidentemente corresponderá àquilo que se espera que aconteça” (Moltmann, 2005, p. 140), posto que “vivemos de esperança e morremos devido às frustrações. Por isso, a fé cristã hoje é inapelavelmente desafiada a assumir a responsabilidade pela esperança” (Moltmann, 2005, p. 27). Entretanto, em um mundo carente de esperanças, mais do que nunca se faz necessária a mensagem do Reino de Deus como utopia e, mais que utopia, venha a abrir novos horizontes de esperança com o olhar para a dimensão transcendente, sem esquecer a realidade histórica concreta (Blank, 1993, p. 117-118). Por conseguinte, a esperança é muito maior do que as satisfações quotidianas e a melhoria nas condições de vida, transporta-nos para além das provações e exorta-nos a caminhar sem perder a grandeza da meta do Reino (Francisco, 2024).

De acordo com Souza (2023, p. 271), “a missão cristã é uma reafirmação da vida em Cristo e por Cristo, enfrentando os problemas do nosso tempo e a partir destes buscando reafirmar-nos na promessa divina”. Além do mais, “O evangelho se dirige a todos os seres humanos e lhes promete um futuro escatológico universal. Esse chamado se faz “em público” e, por isso, deve também apresentar em público sua esperança no futuro do ser humano” (Moltmann, 2005, p. 359). A missão é universal de acordo com o mandato de Jesus (Bíblia, Mt 28,19-20), logo, tem de ser realizada por todo batizado como discípulo missionário, e deve alcançar a toda a humanidade. O objetivo da missão visa o futuro histórico e escatológico. Para o Catecismo da Igreja Católica, “a virtude da esperança responde à aspiração de felicidade colocada por Deus no coração de todo homem... O impulso da esperança preserva do egoísmo e conduz à felicidade da caridade” (João Paulo II, 1993, p. 489-490).

Na mensagem para o dia mundial das missões, o Papa Francisco (2025) afirma que Jesus experimentou “as fragilidades humanas, exceto a do pecado, passando mesmo por momentos críticos, como o da agonia no Getsêmani e na cruz, que podiam levar ao desespero”, dessa forma entregava a Deus Pai o projeto salvífico para a humanidade, um futuro repleto de esperança, tornando-se o divino Missionário da esperança. Jesus missionário é o Deus do Amor e esperança incondicional, porque carrega a dor da opressão da humanidade. A cruz é fonte de esperança para as vítimas do mundo, porque é a prova de que Deus ficou do lado dos crucificados da história. A cruz é a salvação do mundo, porque é o Amor capaz de vencer o ódio e manifestar o Deus da Vida. “Enquanto existirem os ídolos da morte, a cruz continuará a ser a pedra do escândalo onde os homens são julgados por adorar o Deus da vida ou os deuses que dão a morte” (Navarro Girón, 1997, p. 438-439).

5. Considerações

Existem três aspectos fundamentais ou tendências da teologia da missão. Primeiro a missão provém de Deus (Missio Dei), logo Deus é missionário. Um outro aspecto é que a Igreja não tem uma missão, porque é a missão que parte da Trindade. O terceiro aspecto relaciona-se à ação missionária ser fonte de amor e esperança, que se concretiza em ações libertadoras. Portanto, a missão tem sua origem em Deus, porque Deus Pai envia seu Filho para a Salvação do Mundo, que por sua vez envia o Espírito Santo para dar continuidade à missão



na comunidade. Essa missão Trinitária aponta para o futuro escatológico do Reino de Deus, enquanto atua no momento presente para transformar o sofrimento do mundo, pois é portadora de Esperança, articulada com as mediações históricas que apontam em direção ao Reino de Deus, onde a injustiça, que caracteriza o mundo, não pode ser considerada como a última palavra, pois a esperança é a força histórica da caminhada.

A missão dos discípulos missionários é ser mensageiros de amor e esperança no mundo marcado pela pobreza e sofrimento, atentos ao contexto da realidade dos destinatários, portanto, próxima à realidade contextual do povo, em que a opção preferencial pelos pobres estimula a procurar novos caminhos criativos da missão dos mensageiros do Reino de Deus. Em um mundo globalizado, a missão é compromisso com os empobrecidos. A esperança passa a ser a força da missão, a projetar o futuro não apenas escatológico, mas também histórico da realidade dos pobres. A missão não é a proposta de um novo mundo, afastado da realidade concreta do mundo atual, contudo o futuro escatológico deve alimentar o presente histórico, que permite olhar para o futuro com confiança, baseado na promessa de Deus de redenção e plenitude de vida. Como força que transforma o presente, alimenta a vida de fé e nos sustenta nas dificuldades, apontando para o cumprimento definitivo do Reino de Deus.

A esperança é o motor, alma e força da missão. Ela está registrada nos campos mais profundos da pessoa humana. Surge como força do sofrimento e da opressão, da capacidade de construir um mundo mais humano e fraterno. O inconformismo vem a ser o elemento característico de força para a transformação da realidade na perspectiva da justiça e da solidariedade. A esperança em ação leva diretamente à transformação do mundo. A missão ligada à esperança histórica é a realização final do Reino de Deus: a ressurreição dos mortos e a renovação de toda a criação. A escatologia não é fuga do presente, mas uma força transformadora que impulsiona o cristão a agir no aqui e agora, em antecipação desse futuro prometido. Em suma, o cristianismo tem como alicerce a esperança, na certeza da ressurreição, porque a vida venceu a morte em Jesus Cristo e deve vencer também a injustiça, a dor, a morte e a violência no mundo atual. Na realidade contemporânea, a esperança cristã não é um anestesiante que aliena, mas que fortalece e cria sonhos de transformação diante de todo tipo de males e de injustiças. Ao mesmo tempo em que se espera o Reino de Deus, cresce e germina, assume a responsabilidade pela transformação diante das injustiças e dos males hodiernos.

6. Referências

ALMEIDA, Nadi Maria de; BRIGHENTI, Agenor. A missão ad gentes em torno da renovação do Vaticano II. Estudos Teológicos: Programa de pós-graduação em Teologia. São Leopoldo, v. 60 n° 3, setembro dezembro de 2020, p. 867-881. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/3804. Acesso em: 12 de fev. 2025.

BENTO XVI, Papa. Carta encíclica Spe Salvi: Sobre a Esperança Cristã (SpS). São Paulo: Paulus; Loyola, 2007.

BEVANS, Stephen; SCHOROEDER, Roger. Diálogo Profético: Reflexões sobre a missão cristã hoje. São Paulo: Paulinas, 2016.



BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2003.

BLANK, Ronald. Nosso mundo tem futuro. São Paulo: Ed. Paulinas, 1993.

BOSCH, David J. Missão Transformadora: Mudanças de paradigma na teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

CELAM, Conclusões da II Conferência Geral do Episcopado de Medellin (1968). 6ª Edição. São Paulo: Paulinas, 1987.

CELAM. Conclusões da III Conferência Geral do Episcopado de Puebla (1979): A Evangelização no mundo contemporâneo. São Paulo: Paulinas, 1979.

CELAM. Documento de Aparecida (DAP): Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (CELAM). São Paulo: Paulus, 2007.

CONCÍLIO VATICANO II. Compêndio do Vaticano II: Constituições, decretos e declarações. 31ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2015.

CUNHA, Gladson Pereira. O sentido da missão no avivar da Esperança. Apontamentos introdutórios do sentido da Missão da Igreja a partir da Teologia da Esperança de Jürgen Moltmann. Revista Teológica DOXIA. Serra, v.1 nº 1, julho dezembro de 2016, p.19-32

ELLACURIA, Ignacio. Utopia y profetismo desde América Latina: Um ensayo concreto de Soteriología. Chistus, 623 Año LV, México, Febrero 1990, p. 49-55.

FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual (EG). São Paulo: Paulus, 2013.

FRANCISCO, Papa. Mensagem do Papa Francisco para o XCIX dia mundial das missões 2025: Missionários de esperança entre os povos. Roma, 25 de janeiro de 2025. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/20250125-giornata-missionaria.html>. Acesso em: 12 de fev. 2025.

FRANCISCO, Papa. Spes non confundit: Bula de proclamação do Jubileu ordinário do ano 2025. São Paulo: Paulus, 2024.

FREIRE, Paulo. Cartas à Cristina. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança: Um recontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GOHEEN, Michael W. A missão da igreja hoje: A Bíblia, a história e as questões contemporâneas. Tradução de Valéria L.D. Fernandes. Viçosa: Ultimato, 2019.

JOÃO PAULO II, Papa. Carta Encíclica Redemptoris Missio: Sobre a validade permanente do mandato missionário. São Paulo: Paulinas, 2008.



JOÃO PAULO II, Papa. Catecismo da Igreja Católica (CIC). 3ª edição. São Paulo: Loyola, 1993.

KUZMA, Cesar. A Esperança cristã na Teologia da Esperança: 45 anos da Teologia da Esperança de Jürgen Moltmann [...]. Revista Pistis Praxis Teologia Pastoral. Curitiba, V. 1, nº 2, julho dezembro de 2009, p. 443-467. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/10706>. Acesso em: 22 dez. 2024.

KUZMA, Cesar. Futuro de Deus e missão da esperança. Ciberteologia Revista de Teologia & Cultura, Ano X, nº 45. 2014, p. 19-29. Disponível em https://ciberteologia.com.br/images/post/pdf/edicao_20230626093457.pdf. Acesso em: 22 dez. 2024.

LIBÂNIO, João Batista. Utopia e Esperança Cristã. São Paulo: Ed. Loyola, 1989.

MOLTMANN, Jürgen. La Iglesia, Fuerza del Espiritu. Salamanca: Sigueme, 1978.

MOLTMANN, Jürgen. Teologia da Esperança: Estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. São Paulo: Teológica, 2005.

NAVARRO GIRÓN, María Angeles. Esperanza cristiana, esperanza de los pobres. Revista Española de Teología, nº 57, 1997, p. 419-447. Disponível em: <https://repositorio.sandamasso.es/bitstream/123456789/4769/1/01-Mar%C3%ADDa%20Angeles%20Navarro%20Gir%C3%B3n.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2024.

PIMENTEL CHACÓN, Jonathan. Jon Sobrino: Construcción de la esperanza y una teología desde el Sur. Revista Pasos, nº 131, mayo junio de 2007, San José, Costa Rica, p. 26-31.

SOBRINO, Jon. Jesús en América Latina: Su significado para la fe y la cristología. Santander, Espanha: Sal Terrae, 1982.

SOUZA, Waldir. A esperança junto à missão cristã segundo Jürgen Moltmann. Revista de Cultura Teológica. Ano XXXI, nº 106, setembro dezembro de 2023, p. 260-273.

SUESS, Paulo. Para um novo paradigma da Missão no atual contexto de América Latina e Caribe: Com Aparecida além de Aparecida. Revista Eclesiástica Brasileira. V. 68, nº. 272, 2008, p. 870-891. Disponível em: v. 68 n. 272 (2008): Duns Scotus | Revista Eclesiástica Brasileira. Acesso em: 23 dez. 2024.

TAMAYO, Juan José. Antropología y Teología de la Esperanza. Revista Vida y Pensamiento. UBL San José, Costa Rica. V. 21, nº 2, 2001a, p 61-80. Disponível em: Vol. 21 Núm. 2 (2001): Utopías históricas y esperanza cristiana | Vida y Pensamiento. Acesso em: 22 dez. 2024.

TAMAYO, Juan José. Hacia una rehabilitación crítica de la Utopía. Revista Vida y Pensamiento. UBL San José, Costa Rica. V. 21, nº 2, 2001b, p 9-32. Disponível em: Vol. 21 Núm. 2 (2001): Utopías históricas y esperanza cristiana | Vida y Pensamiento. Acesso em: 22 dez. 2024.

Recebido: 02/02/2025

Aprovado: 22/04/2025

